



A
SAGA
DRACONÍPIA

SOPHIE DUPONT E OS LORDES DRAGÕES



A
SAGA
DRACONIANA

SOPHIE DUPONT E OS LORDES DRAGÕES

A · G · OLYVER

Edição Especial
2017

Catálogo na publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo autor

0153S Olyver, A. G., 1984
I. A Saga Draconiana - Sophie Dupont e os
Lords Dragões/ A. G. Olyver. - 2017
353 P. ; 21 cm.

I. Literatura Brasileira. 2. Ficção.

I. Título

CDD: B869.3
CDU:821.134.3(81)-31

Direitos Reservados ao Autor

DEDICATÓRIA

Desde o início, quando decidi me dedicar a escrever, tive total apoio de meus amigos e familiares e, mais que isso, por eles fui cobrado a continuar.

A paixão por escrever é algo inerente aquele que se tornará um escritor, seja por profissão ou hobby. O importante é levar aos outros a fantasia que nasce dentro de nossos sonhos, de nossas mentes. Compartilhar é a palavra. Compartilhar é o que move o escritor. Compartilhar seus sonhos, seus delírios, seus pensamentos, enfim, suas fantasias.

Esse segundo volume de *A Saga Draconiana* foi esperado pacientemente por leitores, amigos e familiares e, também por três pessoas das quais muito me cobraram e não poderia deixar de citá-los aqui. Gostaria de agradecer ao *Mauricio Tadeu Campos Belchior*, a *Cainan Costa* e a minha querida amiga *Sheila Lima*, também escritora, por não me deixarem procrastinar em me cobrarem. A vocês, meu muito obrigado.

Dedico também esse livro, acima de tudo, às duas mulheres mais importantes de minha vida: minha mãe *Nervi* e a minha namorada *Gleyce Kelly*, por sempre estarem ao meu lado, pacientes, dando-me forças, desde o início. MUITÍSSIMO obrigado. Amo vocês.

E achando essa dedicatória justa, dentro do que cabe a busca pela perfeição, encerro agradecendo a todos os que acompanham a *Saga Draconiana* desde o início e desejo a vocês uma ótima leitura e muitos momentos de diversão e aprendizado.

A. G. Olyver



SUMÁRIO

I – SEGUNDA CHANCE	11
II – A SERPENTE EMPLUMADA	37
III – E COMEÇA A EXTINÇÃO	63
IV – JORMUNGANDR, O LORDE DRAGÃO AZUL	87
V – NOVOS RUMOS	101
VI – A CALMA E A TEMPESTADE	117
VII – A DANÇA DOS PRODÍGIOS	143
VIII – A ESPERANÇA RETORNA	163
IX – O PALÁCIO NA TERRA DOS BAVRI	183
X – DAHAG, O LORDE DRAGÃO NEGRO	211
XI – EM BUSCA DO MAPA	237
XII – O INSTITUTO PAMIR	273
XIII – DE VOLTA AO CAMINHO	293
XIV – NGALYOD, O LORDE DRAGÃO DO FOGO	315
XV – QUETZALCOATL, A LADY DRAGÃO BRANCO.....	329
XVI – VRITRA, O LORDE DRAGÃO VERDE	347





—| I |—

SEGUNDA CHANCE

Seu Sopro foi terrível e tomou todo o lugar. Minha pele, mesmo com as microscamas, rompeu-se violentamente. Senti meu corpo arrebatando em pedaços. A dor era dilaceradora. Em meus últimos segundo, olhei para Björn, cujo corpo se desintegrava enquanto seus olhos, atônitos, fitavam-me uma última vez.

– Eu a amo – li seus lábios.

Antes que pudesse retribuir seu último carinho, ele desapareceu em cinzas. O mesmo aconteceria comigo em seguida. O mundo estava perdido.

Fechei meus olhos; era minha última ação consciente. Entregar-me-ia às forças descomunais daquele Sopro. Afinal era um Lorde Dragão e nada eu poderia fazer contra seu poder – não sozinha.



Em meio aquela escuridão, por algum motivo, ouvi a voz de Aimée dizendo “*Vamos Sophie. Tente novamente. Vai desistir na primeira?*”; era a recordação da primeira vez que Soprara, quando aprendera o Sopro Faisca. Em seguida ouvi a voz de Nadya, como em meu primeiro sonho com ela; dizendo: “*O Elemento Luz é um único elemento que controla todos esses aspectos juntos. Controla a própria fundação da realidade. Por isso Chaerin era tão poderosa. Ela controlava desde o tempo até o espaço*”.

“O Tempo e o Espaço...” – pensei.

Com toda a energia que me restava tentei parar tudo ao meu redor, como fizera contra Azura, irmã de Adrian. Tentei desacelerar, mas fora em vão. Tudo o que conseguia ver, no reflexo de meus pensamentos, era o avião em que fomos ao aeroporto. Se apenas pudesse avisá-los, se pudesse mudar a rota, ainda teríamos uma chance.

Por mais que aquela visão tivesse durado poucos segundos, pude vê-la melhorando, ficando mais nítida; era como se com um passo eu realmente pudesse estar dentro daquele avião mais uma vez. Todavia meu corpo começava a desaparecer, consumido pelas chamas do Lorde Dragão do Fogo. A visão se tornava turva, como um turbilhão, porém dei meu passo em direção a nós, sentados no avião. Pude ver-me sentada, de olhos fechados, voando para a morte. Fiz força, arrastei-me por aquela energia que me segurava, que me impedia de tentar mudar o nosso destino. Lutei contra ela com garra e segui até mim. Em um último suspiro agarrei-me pelos ombros e gritei:

– Fugam! Voltem embora! Foge Sophie!

Então toda a consciência se perdeu de vez.

– Sophie! – ouvi a voz na escuridão.

Abri meus olhos assustada. Estava sentada na poltrona e, por um instante, tive certeza de ter visto meu próprio vulto desa-



parecendo em minha frente. Ainda estava me sentindo deslocada, com sono. Aquela sensação era estranha, meus pensamentos estavam embaralhados. O sonho com o aeroporto, o Lorde. Era como uma vaga lembrança, mas parecia tão real; porém sabia o que nos esperava naquele lugar e, por alguma sorte havia conseguido a chance de mudar o nosso destino.

Olhei para Björn, senti meu coração disparando com a alegria de vê-lo bem, mas ainda assim, senti como se realmente o tivesse perdido em algum momento. Aquela sensação era *realmente* confusa. Não me parecia ter visto o futuro, era como se realmente tivesse sonhado. Teria visto o futuro? Se fosse, era a melhor coisa que poderia ter me acontecido naquele momento; mas e o vulto? Por que vi a mim mesma, chamando-me? O que havia acontecido?

Levantei-me e corri até Yip.

– Yip! Yip! – chamei-lhe.

– O que foi, Sophie? – ele ficou apreensivo.

– Precisamos voltar, agora!

– Como assim?

– Se formos até o Cairo, estaremos todos mortos. Eu vi isso...

– Você viu o futuro!? – espantou-se.

– Sim. Vamos todos morrer. Precisamos voltar à Thaba-Tseka e seguir para outro lugar.

Helena, que se sentava ao lado de Yip ficou desconcertada.

– Vou ordenar ao piloto – Yip seguiu para a cabine de pilotagem sem questionar.

– O que aconteceu, amor? – perguntou Björn aproximando-se com Aimée.

– Vamos voltar. Cairo é o nosso fim – disse.

– Nosso fim? – indagou Aimée.

– Eu vi o nosso futuro. Morreremos se descermos lá...

– E para onde vamos? – perguntou Helena.



– Ordenei que voássemos para *Johanesburgo*... – disse Yip retornando da cabine – A cidade é grande e teremos opções.

– Isso – disse – De lá poderemos pegar um voo para *Los Angeles*...

– E podemos esperar por notícias de Bo... – comentou Aimée.

– Exatamente – disse – Poderemos ficar próximo à velha casa dela. Eventualmente ela nos procurará por lá. E até lá, poderemos pensar em alguma saída.

Todos concordaram.

O avião fez a manobra e começamos nosso retorno. Durante o voo para *Johanesburgo* contei meu sonho para eles, para que soubessem o poder de um Lorde Dragão e, claro, para que jamais tentássemos enfrentá-los diretamente daquela forma, pois era suicídio. A cada palavra que contava seus olhos se abriam mais e mais ao ponto de quase saltarem de suas órbitas. Fiz um bom trabalho conscientizando-os de que era morte certa enfrentar cara a cara um deles.

Como esperado, assim que pousamos no aeroporto e descemos do avião, percebemos o alvoroço que acontecia no interior do prédio. Os guichês estavam uma loucura e todos pareciam assustados querendo comprar passagens. Andamos com cautela, observando atentamente se víamos algum *Drakkar* em meio àquela multidão, mas nada sentimos de estranho.

– Todo esse terror... certamente é por causa dos Lordes! Será que já os viram? – perguntou Björn.

– Provavelmente já os devem ter visto – disse Yip.

– Não vão cancelar os voos por causa deles? – indagou Helena.

– É bem possível – respondeu Yip – Por isso precisamos chegar logo a algum dos aviões que parte para *Los Angeles*.



Corremos pelos corredores, esbarrando nas pessoas. Mal podíamos ouvir nossos pensamentos devido à gritaria que se estabelecera naquele lugar. Um grupo sobre as outras, correndo, empurrando, gritando. Era um caos. Estavam todos apavorados e era compreensível. A visão daqueles dragões gigantes sobrevoando a área aterrorizou até mesmo a nós, seus descendentes.

Chegamos a um local mais tranquilo para que pudéssemos ver o monitor com os voos e vimos que havia um, pela *Delta Air Lines*, que ia para *Los Angeles*, passando por *Atlanta*.

– Vamos com esse – disse – São Americanos, certamente vão voltar para casa... – continuei.

Andamos em direção ao portão e, onde era necessário, Yip utilizava o *Sopro do Mestre*, facilitando nosso acesso; afinal não poderíamos perder um minuto sequer.

Avançamos por entre as pessoas que embarcavam. Yip abria caminho e nós o seguíamos. Com muita sorte conseguimos nos sentar a bordo antes que a porta fosse travada.

– Estou tão nervosa – suspirou Aimée assim que se jogou na poltrona – Quanto tempo até *Los Angeles*?

– Não sei – respondi – Algo em torno de vinte, vinte e três horas...

Björn sentava-se à minha direita, na janela, enquanto Aimée sentava-se à minha esquerda, no corredor. Do outro lado estavam Helena e Yip. A viagem era longa e a ansiedade já nos tomava conta. Precisávamos torcer para que nada acontecesse conosco enquanto no ar. Torcer para que nenhum dos Lordes Dragões cruzasse com nosso avião e, para piorar a preocupação, eles tinham muito tempo para isso. Vinte e três horas voando era tempo o suficiente para o azar cair sobre nossas cabeças.

– Não sei se aguento, Sophie... – murmurou Aimée.

– Tenha calma Aimée – sorriu Björn – Temos Sophie ao nosso lado, e temos três Totens... e o *sen* é o Arco...



Aimée acalmou-se um pouco, tentando sorrir também.

Björn era muito especial. Carinhoso, atencioso e conseguia lidar bem com a situação e nos ajudava a nos manter unidos. Era nosso, não... *meu* alicerce.

Durante os primeiros minutos de voo ficamos em silêncio, torcendo internamente para que nada mais desse errado. Minha existência sempre fora uma constante mudança brusca de eventos, dos quais nunca tive tempo para me adaptar, mas aqueles que comigo estavam eram muito importantes. Era o melhor momento da minha vida e não queria que fosse arruinado como sempre acontecia e como, obviamente, acabou acontecendo. Aquilo só podia ser uma maldição. Talvez a maldição que recaia sobre todos Drakkars de Prata; porque até onde tinha percebido, nenhum Drakkar de Prata havia se dado bem na vida...

Depois de mais de cinco horas de viagem fomos pegos por uma turbulência muito forte. Todos nos assustamos. Devido ao nosso histórico de azar, era bem provável que fosse um dos Lordes Dragões.

Levantamos rapidamente e olhamos pelas janelas. O céu, límpido não demonstrava nenhum sinal de nuvens o que nos deixou mais preocupados, mas por sorte, o comandante chamou no rádio:

– Aqui é o comandante do Boeing 777, James McDowell, do voo DL201 da Delta Airlines, partindo de Jobanesburgo com destino à Atlanta. Gostaria de pedir-lhes que ficassem calmos, pois enfrentaremos uma zona turbulenta que durará algo em torno de vinte minutos. Isso ocorre pela temperatura do ar sobre o Oceano Atlântico. Não é nada para se preocuparem. Apertem seus cintos e tenham um ótimo voo.

As palavras do comandante foram reconfortantes naquele momento, pois muitos ali estavam assustados por conta dos dra-



gões que viram sobrevoando sua região e, logo, o caos se estabeleceria no mundo todo. Certamente não haveria mais como viajar pelos céus. Não seria mais seguro, mesmo para nós Drakkars.

– Algo me diz que eles não vão até *Los Angeles*... – resmungou Aimée.

– Por que diz isso? – perguntei.

– Porque no momento em que chegarmos à Atlanta os Lordes já terão feito alguma desgraça, e o mundo vai entrar em pânico. Não vão mais voar, aposto minha fortuna...

– Tem razão, Aimée – disse – Como no meu sonho, certamente já saberemos que o aeroporto do Cairo foi totalmente destruído...

– E pensar que nós estaríamos lá... – comentou Björn – Que bom que temos você, amor... – ele me abraçou.

– É – sorriu Aimée – Salvou nossas vidas.

– Ou só prolonguei nossa dor – ri irônica.

– Não diga besteiras – Björn me repreendeu – Quando estivermos juntos de novo novamente, então planejaremos bem todos os nossos passos. Vamos dar um jeito nisso. Deram no passado, daremos de novo... – encerrou.

– Vocês estão certos – disse – Lutaremos até o fim.

– E venceremos – disse Björn.

Com alguma ajuda do destino, nosso voo foi tranquilo até *Atlanta*. Pousamos e desembarcamos sem maiores transtornos, com o auxílio de Yip. Nunca havia estado no sul dos Estados Unidos, nem mesmo na *Disney*. Era triste pensar que, minha primeira viagem ao sul não seria para férias ou diversão, mas para escapar da morte.

Como Aimée predissera fomos comunicados de que nenhum voo sairia até segunda ordem. Nos monitores espalhados pelo aeroporto, a única notícia que víamos era sobre a destruição

